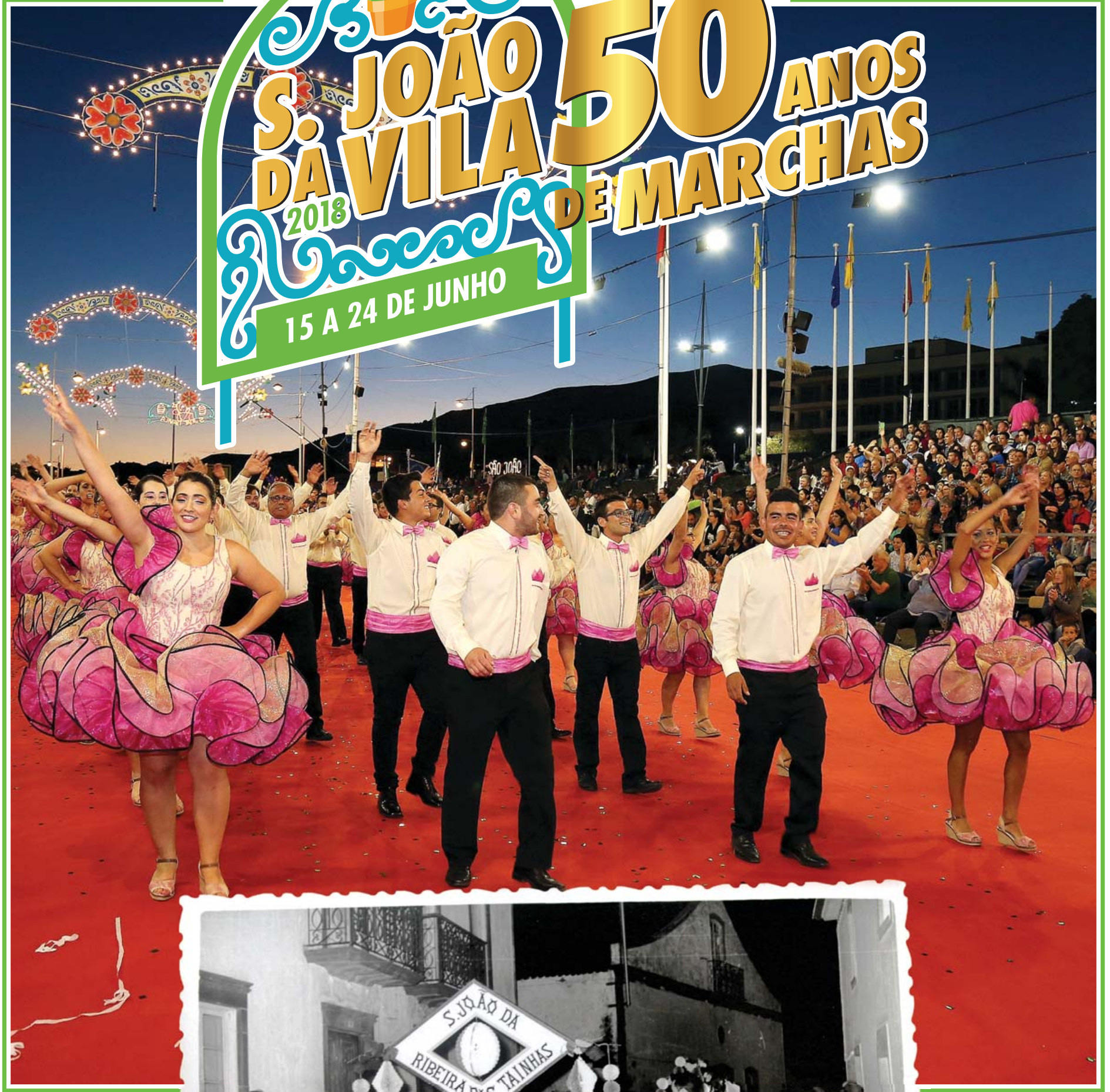
S. JOÃO DA VILA 2018

50 ANOS DE MARCHAS

15 A 24 DE JUNHO



Entrevista

Ricardo Rodrigues Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca do Campo destaca o 'enorme gosto e empenho' do povo do concelho como o principal motor do sucesso da festa. Para o autarca, é a autenticidade dos vilafranquenses que torna o São João da Vila um evento único no país

"É o povo que merece o maior aplauso por este meio século de marchas"

Autarca de Vila Franca do Campo recorda tempos em que, com os amigos, corria as ruas para pular a fogueira. Fala de algumas peripécias durante os saltos e admite que chegou a fazer "sortes"

São 50 anos de festa e de marchas. Como filho da terra, que memórias mais longínquas tem do São João da Vila?

Tenho 60 anos e, portanto, tinha dez anos na altura que começaram os festejos, daí várias memórias. Aliás, recordo que, antes destas festas terem ganho o grau de organização que se conhece, já as famílias comemoravam de forma muito entusiástica o São João, algumas até saindo do concelho. Era uma forma de confraternizarem. Eu, como nasci numa família de lavradores, lembro-me de sairmos todos a cavalo para o Cerrado dos Bezerros. A minha mãe, como não podia deixar de ser, preparava com muito primor o lanche ou a merenda. Era um dia memorável e que cruzou muitas gerações, ao longo dos séculos. A esse propósito, o professor Avelino Meneses, na sessão solene de abertura dos festejos, teve oportunidade de explicar as origens das manifestações em torno de São João aqui em Vila Franca do Campo, fenómeno que remontará à Idade Média, não na forma dos festejos que hoje conhecemos, mas no sentido em que o 24 de junho sempre foi uma data com grande significado para os vilafranquenses.

Recordo que, antes destas festas terem ganho o grau de organização que se conhece, já as famílias comemoravam de forma muito entusiástica o São João, algumas até saindo do concelho

Ainda na noite de São João - que como sabemos é o santo casamenteiro - fazíamos as chamadas "sortes". Eu, com 12/13 anos, também me aventurei algumas vezes com os papelinhos (risos)

O concelho sempre parou para festejar e homenagear o santo?

Exatamente. E desde muito cedo. Vejamos que a única igreja que temos ainda antes do terramoto de 1522 é uma ermida a São João. Ou seja, isso dá-nos a ideia do que o São João representou, representa e representará. Essa igreja está, hoje, recuperada, há missa no dia de São João e costumo lá ir. Portanto, isso para significar que é uma tradição ancestral, não comemorada sempre do mesmo modo. Outro dado curioso é que o dia de São João, aqui em Vila Franca do Campo, era também o dia em que se faziam as eleições camarárias no tempo dos anos 700, quando, em todos os outros concelhos dos Açores, com exceção, talvez, da Terceira, em que se fazia a eleição em 31 de dezembro.

Ou seja, estavam reunidas todas as condições para que esse dia fosse feriado municipal...

O feriado municipal e os festejos tiveram interrupções... Foi, deixou de ser... A última instituição é de 1962 e manteve-se até aos nossos dias.

Há também uma relação destes festejos com as novidades agrícolas?

Julgo que sim, até porque Vila Franca sempre foi um concelho com uma agricultura muito pujante. Para além da produção de leite, veja-se o exemplo da banana, cuja produção representa 70 % da produ-

Sabia que..

Instituição do Feriado Municipal em 1962 foi celebrada por todo o concelho

"O povo rejubilou com a notícia, um sonho partilhado por tanta gente; gerações e gerações festejaram à sua maneira, o São João, desde as Grotas Fundas, em Ponta Garça, até ao lugar da Praia, em Água d'Alto. E, como se este espaço não bastasse, a alegria transbordava até ao ilhéu", revela Maria Leonor Garoupa Albergaria Bicudo, na obra 'São João, na tradição popular vilafranquense.

Diz a autora que a vila se habituou "a acordar em festa, com o estralejar de foguetes e o abanar de bandeiras e balões".
Maria Leonor Bicudo dá ainda nota da organização de "regatas de barcos, entre o cais do Tagarete e o ilhéu, o que fazia com que muita gente acorresse às zonas da beira-mar, principalmente, para os lados do Poço Largo, para presenciar o espetáculo".

ção regional. Era também a fertilidade das nossas terras que se enaltecia e agradecia, num ambiente de grande alegria.

E as marchas vieram a dar um brilho ainda maior a esses festejos...

Sim. Embora, antes dessas marchas e antes desses desfiles, já as pessoas fossem para a rua festejar. Ainda na noite de São João - que como sabemos é o santo casamenteiro - fazíamos as chamadas "sortes". Eu, com 12/13 anos, também me aventurei algumas vezes com os papelinhos (risos).

Era só essa a que fazia?

Era a mais prática. Enrolava-se o papel com o nome das meninas e esperava-se para ver qual estava mais aberto no dia seguinte. Recordo-me que até costumávamos colocar, de propósito, só aqueles nomes pelos quais tínhamos um fraquinho.

E pular a fogueira?

Sim, muitas vezes. Era uma forte tradição em cada rua. Fogueiras de folha de louro, que dava uns rebentos excecionais. E faziam-se várias. Íamos pular para São Pedro, para São Miguel, junto à câmara... Depois, começaram a fazer-se fogueiras tão grandes que já não conseguíamos pular.

Alguma chamuscadela?

Sim, algumas...(risos) Mas, tudo fazia parte da festa e do divertimento. Aquilo que é ligeiramente diferente é que não havia tanta bebida como há hoje. Um copo de licor era um luxo. Ou um copo de vinho de cheiro, vinho abafado... Depois, o São João passou a ter essa organização através da Câmara Municipal, começou a ser pelas ruas, com passagem para o Campo de Jogos da Mãe de Deus. E, sempre houve, um esforço para que todo o concelho fosse representado, quer através das escolas, quer através das instituições, algo que tem sido conseguido.

Ajudamos no possível, com a plena consciência de que o que fazemos não é suficiente para cobrir os gastos. Mas, mesmo assim, as pessoas vão nos brindando com verdadeiras obras de arte

E marchar?

Gosto muito de dançar. Ainda assim, gosto muito mais de apreciar e ver passar as marchas. Agora como presidente da Câmara até tenho outra dificuldade: escolhendo uma, poderia causar algum incómodo/ofensa junto das outras.

Uma parte da sua vida passou em Lisboa onde também se festejam os Santos Populares e onde há marchas. Havia comparação, nostalgia?

Apenas uma certeza: não há São João como o da Vila. É evidente que, como jovem, ia e até me divertia. Contudo, não havia grande termo de comparação. Não tinha as fogueiras, faltavam as amizades da terra e também a idade era outra. E, as próprias marchas de Santo António, não têm muito a ver com as nossas, nem no ritmo, nem na vivência. Sou suspeito para dizer isso, mas as nossas são muito melhores.

E em que reside essa diferença?

Sobretudo, na autenticidade com que as pessoas se apresentam. Aqui não há representação.

O fato de não existir um prémio e a disputa do mesmo terá peso na forma como as pessoas se apresentam nas marchas?

Julgo que sim. Aqui não há vencedores, nem vencidos. E a verdade é que muitas vezes me perguntam porque não faço concurso de marchas. Acho extremamente injusto que se atribua o primeiro lugar a uma marcha que deu tanto trabalho quanto outra que, se calhar, fica em décimo. Às vezes, os prémios são importantes e motivadores mas, aqui, não vejo necessidade disso. As marchas concorrem entre si de uma forma sã e natural. É curioso, nas primeiras reuniões que a câmara faz com as marchas, primeiro que alguém revele algum pormenor é um milagre. Há sempre segredos e muito, mas mesmo muito trabalho, desde as ideias à execução, envolvendo centenas de pessoas.

É já uma 'indústria de marchas' ?

Completamente. Alguns tecidos e adornos, naturalmente, são comprados fora. Mas, regra geral, tudo se faz em Vila Franca do Campo. Há marchas em que são os próprios participantes a executarem tudo em casa. Outros, contratam costureiras do concelho que, durante semanas a fio, têm trabalho garantido. Quem nunca assistiu e vier, perceberá que há um profissionalismo invejável, seja em termos de indumentária, seja nos adereços.

Algum requisito especial para a edição deste ano, dado que se comemoram as 'Bodas de Ouro' das marchas?

Por norma, nem é preciso fazer qualquer tipo de exigência porque, por si, os envolvidos nas marchas sabem melhor que ninguém o que fazer para brilhar na rua. E são eles que são a alma do São João. Tentamos organizar, coordenar e ir buscar as filarmónicas de fora do concelho, afinal, este ano, são 14 marchas. Ajudamos no possível, com a plena consciência de que o que fazemos não é suficiente para cobrir os gastos. Mas, mesmo assim, as pessoas, com enorme gosto e empenho, ano após ano, vão nos brindando com verdadeiras obras de arte. E, é graças a essa dedicação que temos hoje uma festa única na região e no país. É uma festa que vive por si e pela sua originalidade. E o motivo é só um: é uma festa feita pelo povo. Nem fazia sentido que fosse de outra forma. Quando as coisas são feitas e decididas de baixo para cima, o sucesso é garantido, assim como a longevidade. Também, por isso, gostava de recordar aqueles que iniciaram este processo, todos os meus antecessores que lhe deram continuidade e, acima de tudo e uma vez mais, ao povo de Vila Franca do Campo . É a eles que é devido o grande agradecimento por continuarem a manter viva esta festa, com a sua alegria, com a sua motivação e com o seu profissionalismo. A todos, um sincero muito obrigado!

É uma festa feita pelo povo. Nem fazia sentido que fosse de outra forma. Quando as coisas são feitas e decididas de baixo para cima, o sucesso é garantido, assim como a longevidade

Primeiro templo ermido na ilha destinado ao culto de São João está em Vila Franca

Situada a dois quilómetros a nascente de Vila Franca do Campo, esta ermida foi o primeiro templo erguido em São Miguel, destinado ao culto de São João Batista e um dos mais antigos na devoção a este santo, indica Eduardo Furtado, na obra "São João da Vila". Um artigo publicado no jornal "Preto no Branco", em 1896, dá conta da sua existência no primeiro quartel do século XVI. Outrora servira o culto da gentes da Ribeira Seca e, segundo reza a história, terá sobrevivido ao grande cataclismo de 1522, que destruiu, quase por completo, Vila Franca do Campo. Tudo indica que 1811 terá sido o ano da última missa, seguindo-se depois décadas e décadas ao abandono. Foi preciso esperar pelo final do século XX para ver a ermida reconstruída, pela mão de Rui Cabral.

Marchas Populares

14 marchas nas ruas da Vila para comemorar as 'bodas de ouro'

As marchas, este ano, integram mais de um milhar de pessoas, isto sem contar com as filarmónicas. Todas são oriundas do concelho

Chegou, finalmente, o dia em que pelas ruas de Vila Franca do Campo se vai desvendar o trabalho de muitos meses e de centenas de mãos habilidosas.

Hoje e amanhã, pelas 21 horas, começam a sair, da rotunda dos Frades rumo ao Largo Bento de Góis, as primeiras marchas.

Por ser a 'edição de ouro', não se poupou nos pormenores para que cada marcha tenha o brilho que a data exige.

Umas na indumentária, outras na música ou na coreografia, em todos as marchas a celebração de meio século de marchas está patente.

Na prática, uma homenagem aos pioneiros daquele que hoje é o mais importante cartaz de São João na ilha de São Miguel.

Falamos do Grupo de Amigos de Vila Franca que, em colaboração com a autarquia, em 1968, tomou a seu cargo a organização dos festejos do feriado municipal, que veio a ganhar a referência de São João da Vila.

Foi, precisamente, nesse ano que, pela primeira vez, incluíram na programação a realização das marchas populares.

Quatro marchas deram então o pontapé de saída. Foram elas a marcha da rua das Hortas, a de Santo André, a de São Pedro e a de Ponta Garça.

Até 1973, as marchas desfilavam pelas ruas, desde o Largo Bento de Góis em direção ao Campo de Jogos da Mãe de Deus, onde depois atuavam num palco.

Já 1974 é o ano que marca o início de um interregno de seis na realização das marchas.

Só em 1980 é que é retomada a realização do desfile das marchas populares, a partir daqui, ininterruptamente.

Foi no arranque da década de 90 se assistiu ao maior número de marchas a participar no desfile: vinte marchas, sendo que, em 1991, quatro eram de fora do concelho, (São Pedro da Ilha de Santa Maria, São Brás, Ribeira Grande e Pico da Pedra) e, em 1992, subiam para cinco as marchas 'forasteiras' (São Brás, Pico da Pedra, Furnas, Ribeira Quente e Santa Maria).

E assim se chega a 1993, ano da celebração das 'bodas de prata', em que participaram 16 marchas, com duas de fora do concelho.

A propósito da data, foi descerrada, no átrio do Centro Cultural, uma lápide comemorativa, a homenagear todos os que contribuíram para a realização das marchas de São João até aquela altura.

O ano de 1999 fica marcado por uma alteração: as marchas começaram a desfilar pela rua, deixando de exibir as coreografias no campo de jogos.

E não se pode falar de São João da Vila e da evolução desta festa ao longo dos tempos sem falar de Manuel Soares Ferreira, que fez, desde 1968, mais de uma centena de letras para as marchas.

Para além das marchas da sua terra natal, também escreveu para Água de Pau, Lagoa, Ribeira Grande, Povoação e para a ilha de Santa Maria.

Numa entrevista, disse um dia, que o São João "era o seu ideal de vida. Foi homenageado, pela autarquia, em 2003.

Antes era assim...

Fontenários da Vila eram ornamentados numa homenagem à água benta

"As nossas ruas e canadas ganhavam vida diferente com os fontenários emoldurados em verduras de criptomérias, de papel e balões", recorda Maria Leonor Bicudo, na obra 'São João, na tradição popular vilafranquense.

Nesta composição, não faltava um quadro de São João, afinal era na véspera do seu dia que toda a água se tornava benta.

Podia ainda encontrar-se "uma grinalda de cravos e rosas, goivos e boninas, novelões e açucenas, enriquecida com quadras, saudando o santo, ou, simplesmente, 'Viva São João'".

Revela ainda que, pendente da grinalda, estava "um manchinho com as primías dos campos, um pedido mudo de bênção de fartura: uma maçaroca de milho, um cacho de uvas, uma maçã, uma pera e um figo".

Testemunhos

“As crianças de hoje garantem as marchas de amanhã”

Helga Costa

São as crianças de hoje que vão garantir as marchas de amanhã. Por isso, tenho investido muito de mim e do meu tempo na expectativa que sejam eles a dar continuidade ao desfile e, pelo menos, a outros 50 anos de marchas. E julgo que a semente tem ficado. Basta ver a alegria e euforia com que as crianças que este ano saem na marcha das Escolinhas da Vila encaram as diversas etapas. O sorriso é uma constante e isso será notório quando as virem desfilar na rua. E é com muito agrado que vejo que algumas dessas crianças, por terem ganho esse gosto, depois das Escolinhas, acabam por integrar outras marchas. Por isso, esse primeiro contacto assume uma especial relevância, assim como o envolvimento dos pais. Contudo, preparar a atuação de crianças tão pequenas não é uma tarefa fácil. Mas temos conseguido e a prova estará à vista este sábado. Sou suspeita, mas atrevo-me a dizer que é um dos momentos altos do desfile das marchas do São João da Vila. É a doçura das crianças mas, acima de tudo, a forma como se entregam e vivem aquele momento. É, também isso, que nos motiva.•

“Sentimos orgulho de dar continuidade à tradição”

Eládio Braga

São já 12 anos de marchas para a Escola Profissional de Vila Franca do Campo mas, este ano, é especial, sobretudo para mim como filho desta terra. Levo 20 anos de marchas, uma vez que já, anteriormente, integrava a marcha de Ponta Garça, e, ano após ano, sentimos o gosto e o orgulho de dar continuidade à tradição, fazendo mais e melhor. Por isso, este ano, é como se estivéssemos a passar em revista a evolução que fomos registando ao longo destes 50 anos.

Também devemos celebrar esse feito e ‘usá-lo’ para motivar as novas gerações. É, pelo menos isso, que tentamos fazer na nossa marcha, considerando o nosso ‘sangue novo’. Claro que há vilafranquenses que já trazem esse gosto no sangue e nem é preciso dizer-lhes o que quer que seja. E, apesar de todo o esforço que requer a organização/participação numa marcha, a verdade é que não temos sentido dificuldade em reunir participantes. Também tentamos, ao máximo, reduzir encargos para os marchantes. Fazemos várias iniciativas ao longo do ano para angariar fundos. Mas, com boa vontade de todos, tudo se faz.•

“Ver passar as marchas não é o mesmo que as viver”

Conceição Quental

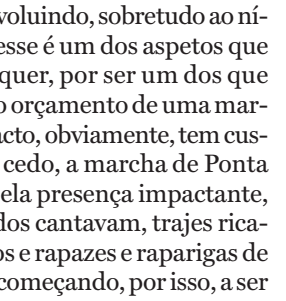
Como morava em Ponta Garça, em miúda não era muito fácil vir para o centro da Vila. Por isso, nessa altura, o nosso São João era no Cerrado dos Bezerros. Mas, depois de vir para o externato de Vila Franca do Campo, comecei a viver o São João de forma diferente.

Lembro-me de ter aquela vontade de participar nas marchas, no entanto, nunca tive convite, o que me deixava muito triste. Até que comecei a sair na marcha de São Pedro. Já são 18 anos. Digo sempre que é o último ano mas é difícil parar. É um bichinho que fica. E ver passar as marchas não é a mesma coisa do que as viver. Embora, para mim, o mais importante não é só o desfile. É o convívio dos ensaios, a azáfama da preparação... São momentos únicos. Ainda para mais este ano, com as bodas de ouro, o entusiasmo é mais especial, ou não fosse a nossa marcha uma das pioneiras. Aliás, este ano será recuperada essa marcha de 1968, com o tema as talhinhas da Vila Nova. Penso que é uma justa homenagem. Será, com certeza, uma noite memorável e mais uma oportunidade de, com brilho e alegria, passarmos o gosto por esta tradição aos mais novos, até porque são eles que podem garantir os próximos 50 anos.•

“Ponta Garça sempre primou pelo impacto”

Marco Curvelo

Na marcha de Ponta Garça, ainda saímos com um casal que participou no primeiro desfile. Depois, temos muita gente que vai dando continuidade ao legado da família no gosto pelo São João. Mas, continuamos a ser seguidos de perto, por pessoas mais velhas que não deixam de manifestar surpresa e espanto pela forma como as coisas foram evoluindo, sobretudo ao nível dos trajes. E esse é um dos aspetos que mais atenção requer, por ser um dos que mais peso tem no orçamento de uma marcha. Causar impacto, obviamente, tem custos. Aliás, desde cedo, a marcha de Ponta Garça, primou pela presença impactante, de temas que todos cantavam, trajes ricamente costurados e rapazes e raparigas de marchar alegre, começando, por isso, a ser vista como a rival de todas as outras, dando o mote para o espírito competitivo que se mantém até aos dias de hoje. No São João da Vila, não existem melhores nem piores, todas as marchas apresentam-se com excelência, ano após ano. Mas Ponta Garça é diferente, marcha unida pelo frenesim que todos os marchantes sentem antes da entrega despojada do melhor que têm para presentear ao público que, todos os anos, a espera com curiosidade.•



Antes era assim...

A ‘magia’ do sereno que transmitia às ervas aromáticas virtudes específicas para cada cura

Outra tarefa própria da véspera de São João era a colheita de ervas aromáticas, “destinadas a chás caseiros, ou simplesmente, para com a sua presença, perfurarem o ambiente dando-lhe um ar campesino apetecível. Lembra Maria Leonor Bicudo, ervas como o poejo, a salva, a cidreira, o alecrim, a erva santa, as malvas, a hortelã, a macela, a Maria Luisa, entre outras.

“Uma mini-farmácia instalada no quintal, à espera que o sereno transmitisse as suas virtudes específicas para cada cura”, adianta. Mandava o costume, que tinham de ser recolhidas antes do sol nascer, “pois o mais débil raiozinho era capaz de quebrar toda a magia contida em cada gotícula do sereno”.Eram amarradas e dependuradas, em sítios arejados, à sombra, para depois serem guardadas.

Entrevista

Madalena Soares Herdou do pai, Manuel Soares Ferreira, a veia musical, e, da mãe, o gosto pela dança. Aos 73 anos, marcha a passo firme como o fez no primeiro no desfile, em 1968. Confessa que é uma das maiores alegrias que pode ter

"O povo da Vila ainda pode dar mais às marchas"

Madalena Soares é uma referência no São João da Vila. Foi, este ano, homenageada pela autarquia

Quando se envolve pela primeira vez nas marchas do São João da Vila?

Foi em 1968, tinha 23 anos e estava grávida da minha primeira filha, que acabou por nascer no dia 28. Imagine como foi... A verdade é que a Madalena herdou o gosto pelas marchas. Mas, já com os meus 11/12 anos fazia por integrar os festejos de São João do antigamente, onde havia os balhos, as fogueiras e as sortes. E eu dançava, cantava, até porque o meu pai tocava. Depois de ter casado e com o começo das marchas, o meu pai foi convidado para liderar os festejos. Ele fazia música e letra. E quem gravava era eu, com um gravador pequeno, algo rústico até. Com o passar dos anos, já na escola, comecei a envolver-me nas marchas. Ensaiava, fazia os balões e as fitas. E tudo feito à mão. Passados uns anos, as coisas foram evoluindo e muito mudou... Naquele tempo, como não tínhamos televisão, não tínhamos nada onde fossemos beber um pouco do São João que se festejava noutras paragens, tudo resultava da nossa imaginação. E, na verdade, fomos bastante férteis, já que inventamos muita coisa.

E será esse um dos segredos do sucesso das marchas do São João da Vila? A autenticidade?

Acredito que sim. Há um cunho muito próprio em tudo o que aqui se faz. E nota-se pelo trabalho que se vê na rua hoje em dia: todas as marchas têm um primor e um brilho impressionante. Mas, isso também é fruto de muito trabalho. Pôr uma marcha na rua não é tarefa fácil. Ao contrário do que se pode pensar, os apoios que recebemos não chegam para tudo. Falo no meu caso, para a Marcha da Rua corro a bater em muitas portas, desde empresários a pessoas amigas. E os marchantes é que pagam as suas roupas porque não há dinheiro.

Mas mesmo assim tudo se faz...

Confesso que estou nesta roda-viva das marchas há 50 anos, com muita alegria, com muita dedicação, mas com uma ajuda muito grande da família. Começa pela minha filha Patrícia, que faz a música e a letra. Manda ao Rui que está em Lisboa. Ele tem um estúdio e grava. Depois, manda para cá, para o Pedro fazer a gravação dos cds que serão entregues a cada marchante, para ouvirem no carro ou em casa e assim fixarem a letra. E isso facilita quando nos juntamos para o ensaio.

A 'máquina familiar' está, portanto, bem 'oleada' ...

Exatamente. E a sorte é que assim não tenho de pagar nada a ninguém. Só aí já se poupa dinheiro que pode ser aplicado em outros pormenores da marcha. Mas, ao longo de todo esse processo, há uma grande folia com netos, filhos, amigos... E nem tenho palavras para descrever o gosto que tenho em fazer tudo isto. São dias de sonho. Acho que herdei isso, na força máxima, do meu pai que sempre foi muito amigo do São João. E herdei mais duas coisas boas: a parte musical do meu pai e a parte da dança da minha mãe.

E como vê o São João destes dias?

Sou franca: há coisas que vão ter de mudar e, nas reuniões, tenho dado a minha opinião, seja em termos de organização, seja em termos do envolvimento da nossa comunidade. Algumas pessoas parecem desligadas da festa. O povo de Vila Franca ainda pode dar mais às marchas. Mais do que tem dado. E isso tem reflexo na dinâmica das marchas. A nossa, por exemplo, está negativa. Um pouco de muitos lados faz a diferença. Mas, anda difícil.

É, uma vez mais, o gosto das pessoas que vai equilibrando a balança?

Sem dúvida. As pessoas que estão à frente das marchas são quem vai mantendo a máquina a andar, com os resultados que se vão ver no desfile. Pedem num lado, organizam eventos, poupam nos trabalhos que se possam fazer em casa... Só quem acompanha percebe o sacrifício em nome do gosto por esta festa. E, regra geral, são pessoas que já herdaram esse fascínio dos pais. E, para que tenhamos marchas durante mais 50 anos, é preciso que essa geração seja acarinhada, de modo a passar o testemunho aos filhos. Mas, para que isso aconteça, toda a comunidade de Vila Franca do Campo tem de se envolver, desde os empresários à população em geral. E a própria autarquia também precisa de rever a sua estratégia.

É uma questão de garante da continuidade das marchas?

Sem dúvida. Não com o mesmo impacto, mas a verdade é que existem tradições que tínhamos associadas ao São João que foram-se perdendo. Por exemplo, as sortes. Já quase nem se fala no assunto, o que é uma pena. Mas não foram só as sortes... As fogueiras também são quase inexistentes e os balhos. E os balhos nem exigiam roupa ou outro qualquer adereço. As pessoas faziam-no, por exemplo, nos campos, com uma imensa alegria. Se há uma noite de fados, porque não há uma noite de balhos? Acho que fazia todo o sentido, a bem da nossa história e das gerações futuras, pelo menos, falar dessas tradições. •

Antes era assim...

Fogueiras que animavam as ruas lançando no ar um "fumo cheiroso" que curava males

Tempos houve em que as famílias da Vila rumavam ao mato em busca de louro verde. "À noite era rara a casa que não tinha à sua porta uma fogueira feita só com louro do mato e do macho (folha larga) que estala melhor. E as famílias saiam para a rua para ver as fogueiras maiores ou menores e o rapazio a saltá-las, chamuscando, por vezes, as pestanas", relata Manuel Inácio de Melo, em 'Santos Tempos-Usos e costumes'. Havia ainda a crença de que este 'fumo cheiroso', "entrava nas casas de portas e janelas abertas, para desinfetar das epidemias da gripe, sarampo, papeira, tosse convulsa", entre outras maleitas. Também as cinzas da fogueira de São João eram tidas como benéficas na cura de certas doenças da pele. E os saltos em número ímpar, garantiam proteção.

Usos e costumes

Sortes e superstições reforçavam o encanto da noite de São João

Dos papelinhos com nomes, ao desenho da clara de ovo, passando pela letra deixada pelo caracol, muitas eram as sortes que se deitavam à procura de uma resposta sobre os amores e o futuro

Nesta sorte, o caracol era colocado em cima de um pano preto e coberto com uma quarta. Passada a noite de São João, a letra que aparecesse desenhada no tecido corresponderia à inicial do nome do noivo

Longe vão os tempos em que a véspera de São João se fazia de sortes e superstições. Por Vila Franca do Campo, uma das mais frequentes era a dos papelinhos. Escreviam as moças casadoiras , em cada pedaço de papel, o nome de um rapaz. Depois, enrolavam-nos e deitavam-nos num prato com água, no jardim, ao relento. De manhã, corria-se para ver se algum papel estava aberto. No caso de estar, o nome lá inscrito corresponderia ao futuro noivo. Se estivessem todos fechados, não haveria casamento nesse ano. Se estivessem todos abertos, o noivo não seria nenhum daqueles. E se estivesse mais do que um aberto, o futuro marido corresponderia ao papel que estivesse mais aberto.

Ainda nos amores, outra sorte muito apreciada era a do caracol, colocado sobre um pano preto e coberto com uma quarta (antiga unidade de medida). Ora, passada a noite de São João, levantava-se a quarta e a letra que ficasse inscrita no pano preto corresponderia ao nome do futuro marido. Se o caracol permanecesse imóvel, não haveria casamento naquele ano.

No "Memorial de Vila Franca do Campo- Séculos XV a XXI", o prior António Gaspar, fala ainda da sorte da clara de ovo. Neste caso, deitava-se a clara num copo de água e depois aguardava-se pela forma que surgiria desenhada. Se fosse para casamento, a clara tomava a forma de um leito, por exemplo. No caso de ser um rapaz a deitar esta sorte e surgisse uma forma de altar, seria padre.

Já Urbano de Mendonça Dias, no volume IV de "A Vila", destaca as sortes com os grãos de fava crua. Na prática, escolhiam-se três grãos: um descascava-se por inteiro, um segundo, apenas metade, e a terceira fava permaneceria intacta. Colocavam-se, depois, as favas debaixo do travesseiro e, ao acordar, tirava-se uma, aleatoriamente. Se a escolhida fosse a que estava completamente descascada, a pessoa seria pobre a vida toda. Sorte inversa teria, se a fava retirada fosse a que estava intacta. A última opção corresponderia a uma vida remediada.

Os sete pratos eram outra das sortes e consistia em colocar em cada um deles terra, cinza, flores, bonequinhos, água, chaves e dinheiro. Ficavam ao sereno e, no dia seguinte, depois de recolhidos eram colocados diante das pessoas que pretendiam conhecer as suas sortes, mas vendadas. Se a escolha recaísse sobre o prato com água, embarcava, o da terra, seria proprietária, o das chaves, dona de muito que arrumar, o do dinheiro, riqueza, o das flores, que morreria solteira, o das cinzas, que morreria cedo, e o dos bonecos , que casaria e teria muitos filhos.•

Assados e vinhos nas cestas dos farnéis com que as famílias faziam a festa

Com a crença de que na noite de São João toda a água está benta, muitos filhos da terra aproveitavam o dia para passeios e assim estarem junto da mesma, junto ao mar ou nas margens de lagoas, dentro e fora da Vila. Deslocações, regra geral, em carroças e chars-a-bancs, que implicavam um farnel, onde, segundo Maria Leonor Bicudo, se "dava preferência aos assados, por serem mais fáceis de transportar e muito saborosos, mesmo quando frios: galinhas recheadas, acompanhadas de batatas, cavalas e serras, também assadas".

Também faziam parte do manjar os vinhos (de cheiro e abafado) e variados doces secos. "Se as ceifas eram temporâs, experimentava-se o trigo novo, no pão e nos bolos lêvedos", revela a autora.

Viagem pelo tempo

No Centro Cultural de Vila Franca do Campo está uma exposição de trajes usados nos últimos 50 anos de marchas do São João da Vila. Para além das vestes, no local, pode ainda apreciar, em formato audiovisual, uma seleção de imagens que revelam algumas das participações, numa verdadeira viagem no tempo